



# O Reiki e o sagrado

## The Reiki and the sacred

*Fabricio Possebon\**

Universidade Federal da Paraíba

*Renata Shirley da Silva Ferreira\*\**

Universidade Federal da Paraíba

Recebido em: 28/09/2019. Aceito em: 06/12/2019.

**Resumo:** *Nosso objetivo neste artigo é estabelecer um diálogo entre o Reiki e o sagrado. O Reiki é uma prática terapêutica de imposição de mãos, descoberta por Mikao Usui, no começo do século XX. A palavra Reiki é dividida em duas partes, REI “a energia do universo”, onde estão inseridos todas as coisas e KI “energia vital”, a energia que dá vida ao corpo. Consiste no direcionamento desta energia para o corpo da pessoa que recebe a aplicação. Uma vez que o Reiki lida com o sagrado – nas relações com o espaço sagrado, nos rituais de iniciação, no uso dos símbolos sagrados – faz-se necessário esse estudo. Neste artigo trataremos essas relações, verificando que o Reiki apesar de ter uma conduta religiosa, não está necessariamente vinculado a uma religião, mostrando assim a sua importância no estudo das Ciências das Religiões.*

**Palavras-chave:** *Reiki. Religião. Sagrado.*

**Abstract:** *Our goal in this article is to establish a dialogue between reiki and the sacred. Reiki is a therapeutic practice of laying on hands, systematized by Mikao*

---

\* Doutor em Letras (Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2007). Mestre em Letras Clássicas (Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2000). Graduado em Letras – Grego e Português (Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1999). Graduado em Engenharia Civil (Pontifícia Universidade Católica de Campinas PUCAMP, Campinas, 1985). Professor no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa. E-mail: fabriciopossebon@gmail.com

\*\* Doutoranda em Ciências das Religiões (Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa). Mestre em Ciências das Religiões (Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2018). Pós-Graduada em Naturologia, Terapias Naturais e Holísticas (Faculdade Estratego, João Pessoa, 2017). Bacharel em Filosofia (Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2006). E-mail: renatashirley@hotmail.com





*Usui in the early twentieth century. The word Reiki is divided into two parts, REI “the energy of the universe”, where all things are inserted and KI “vital energy”, is the energy that gives life to the body. It consists of directing this energy to the body of the person receiving the application. Since Reiki deals with the sacred – in relations with the sacred space, with the initiation rituals, with the use of the sacred symbols – this study is necessary. In this article we will deal with these relationships, noting that reiki, despite having a religious conduct, is not necessarily linked to a religion, thus showing its importance in the study of the sciences of religions.*

**Keywords:** *Reiki. Religion. Sacred.*

## 1 Introdução

“O uso da imposição das mãos para tratamento de doenças humanas já data de milhares de anos”<sup>1</sup>. Podemos encontrar escritos egípcios por volta de 1552 a.C, em que são descritos o uso da imposição das mãos no tratamento médico. Os gregos, por sua vez, faziam uso do toque terapêutico em seus templos (GERBER, 2007). Na Bíblia, encontramos várias referências deste uso, em que Jesus com o uso das mãos realizava curas. Várias referências, em diversas épocas da História podem ser encontradas mencionando o uso da imposição de mãos como um recurso terapêutico, desde tempos mais remotos até a atualidade.

Dentre esses métodos por imposição das mãos, está o Reiki, que foi sistematizado por Mikao Usui, no começo do século XX, após pesquisar sobre os métodos que o Buda e o Cristo usavam para realizar curas. “Usui alegava que o conhecimento do que ele mesmo chamou de Reiki era comum na Índia na época de Buda (Sidarta Gautama) e fazia parte também dos ensinamentos do antigo Budismo Tibetano”<sup>2</sup>. Para as Ciências das Religiões, o estudo de outras culturas foi um dos componentes importantes para sua consolidação e constituição:

*O longo caminho do estudo das religiões na direção da sua formação programática e institucionalização é marcado por duas tendências principais inter-relacionadas, a saber: (a) o crescente conhecimento sobre outras culturas, inclusive suas características religiosas; (b) a crescente*

<sup>1</sup> GERBER, Richard. *Medicina Vibracional: uma medicina para o futuro*. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 233.

<sup>2</sup> GERBER, Richard. *Um guia prático de Medicina Vibracional*. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 413.



*submissão do estudo das religiões ao pensamento científico-racional em desfavor das abordagens apolégicas e exigências dogmáticas*<sup>3</sup>.

A busca pelo conhecimento de “outras culturas” ocasionou um crescente desenvolvimento e estudo dessas e suas religiões, bem como acesso e “tradução dos seus textos sagrados” (USARSKI, 2006, p. 21). Dentre estas está o Budismo, que está intimamente ligado ao Reiki uma vez que, Mikao Usui, decodificador do Reiki, era monge budista e como citado anteriormente, há relatos de que a prática do Reiki era comum no budismo tibetano.

O Reiki, considerado como uma prática complementar de saúde auxilia no alívio das emoções, como medo, raiva e tristeza. Estudos realizados no âmbito da medicina convencional constataram que a aplicação do Reiki pode provocar melhora significativa nos pacientes: mudanças fisiológicas como, melhora do sistema imunológico e aumento nos níveis de hemoglobina. Constatou-se também uma melhora considerável no bem-estar emocional destes.

“A palavra Reiki é dividida em duas partes, REI ‘a energia do universo’, onde estão inseridos todas as coisas e KI ‘energia vital’ a energia que dá vida ao corpo...”<sup>4</sup> Consiste no direcionamento desta energia para o corpo da pessoa que recebe a aplicação. São empregados nesta técnica, símbolos especiais, que segundo seus adeptos, conferem mais poder ao tratamento. Há três níveis de iniciação, que são consideradas por seus eles sagradas e somente nos níveis mais altos que os praticantes recebem instruções quanto ao uso dos símbolos sagrados, recebidos por Usui em suas meditações. Uma vez que o Reiki lida com o sagrado – nas relações com o espaço sagrado, com os rituais de iniciação, com o uso dos símbolos sagrados – faz-se necessário um estudo dessas relações. Nossa pesquisa se encaixa na linha de espiritualidade e saúde, e conceitos como o de espiritualidade, sagrado, religião necessitam de uma minuciosa atenção. Adotaremos, por exemplo, a definição de espiritualidade proposto por Marcelo Saad, Danilo Masiero e Linamara Rizzo Battistella, que diz:

<sup>3</sup> USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 52.

<sup>4</sup> CARDOSO, Érica Cavalcanti. *Reiki: terapia complementar no serviço de saúde*. 2013. 36 f. Dissertação (Mestrado integrado em Ciências Farmacêuticas). Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, Porto, 2013. p. VII.



*Espiritualidade é a propensão humana para encontrar um significado para a vida através de conceitos que transcendem o tangível, um sentido de conexão com algo maior que si próprio, que pode ou não incluir uma participação religiosa formal. [...] As implicações da espiritualidade na saúde vêm sendo estudadas cientificamente<sup>5</sup>.*

Uma vez que estudando as “implicações da espiritualidade na saúde”, lidando com termos como religião, sagrado, reiki, espiritualidade, mas buscando uma não correspondência entre nosso tema e uma doutrina religiosa específica, buscaremos nas leituras propostas para elaboração deste artigo, definições e alternativas que se identifiquem e se relacione com nossa linha de pesquisa, mostrando assim a sua relação com o estudo das Ciências das Religiões.

*O avanço das ciências da religião, na medida em que possibilitou a criação de conceitos e análises desvinculados de uma tradição religiosa específica, e, assim, de uma linguagem comum, está possibilitando a discussão mais ampla deste tema, de uma forma que supera parcialmente as usuais e tensas competições entre vários grupos religiosos<sup>6</sup>.*

Iremos inicialmente, partir dos conceitos do termo religião, no qual faremos uma explanação por algumas abordagens e definições, na tentativa de encontrar uma definição que se aproxime do nosso estudo. Por fim, iremos tratar das relações existentes entre o reiki e o sagrado, verificando que o reiki apesar de ter uma conduta religiosa, não está necessariamente vinculado a uma religião.

## 2 A Religião e o sagrado

Na tentativa de definir o que é Religião, muitos pesquisadores das Ciências das Religiões se debruçaram no intuito de encontrar uma definição que se adequasse de maneira mais universal possível. Discussões sobre termo religião, que tinha uma forte identificação com o cristianismo, e, portanto insuficiente do ponto de vista semântico, e uma vez que identificadas outras formas religiosas além do cristianismo, que

<sup>5</sup> SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. Espiritualidade baseada em evidências. *Acta Fasiátrica*, São Paulo, ano 8, n. 3, p. 107-112, 2001. p. 108.

<sup>6</sup> VASCONCELOS, Eymard. Mourão. Espiritualidade na educação popular em saúde. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 29, n. 79, p. 323-334, 2009. p. 324.



*é uma dentre tantas religiões presentes no planeta; entre estas há algumas, no continente indo-asiático, que remontam a épocas mais antigas do que a que viu o nascimento do cristianismo. [...], o termo “religião”, de matriz latina e assumido pela tradição do Ocidente, era apto a definir essas concepções do mundo – presentes, como perceberão os etnólogos do século seguinte, em todas as sociedades do globo – que ainda hoje continuamos a considerar justamente como religiosas, apesar de os termos “religião” e “religioso” serem totalmente estranhos à linguagem das culturas antigas (excluída a latino-romana) e, com mais razão ainda, extra europeias?<sup>7</sup>*

Apesar do termo *religião* não configurar no vocabulário das outras civilizações, das outras *religiões*, vários significados foram atribuídos, concorrendo entre si, na tentativa de encontrar um significado que melhor se adequasse ao termo, de onde este termo derivaria: Cícero, Agostinho, Lactâncio, São Tomás são exemplos de pensadores que se esforçaram para determinar a melhor derivação deste termo. Contudo seus esforços mostraram “que a definição do termo não é possível nos moldes de uma definição objetiva, dada, mas permanece vinculada a um contexto histórico-cultural específico”<sup>8</sup>. Reforçando a ideia da improbabilidade de uma definição única do termo *religião*, Hans-Jürgen Greschat diz:

*O que um termo quer dizer depende de sua definição. O esclarecimento do seu significado, pois deve informar o que caracteriza “religião” – mas aí está a dificuldade. Embora existam muitas definições de religião – algumas centenas, presumivelmente – e embora novas definições sejam lançadas permanentemente, até hoje não se chegou ao resultado esperado. Não há uma definição que não seja rejeitada por, pelo menos, uma pessoa. [...] Procurando definições, pensadores cristãos têm algo cristão na mente e não se ocupam muito de religiões estrangeiras. Hindus, muçulmanos e outros fazem o mesmo, definindo religião de acordo com valores a que estão acostumados desde infância. Chegará o dia em que todos vão concordar com uma única definição? Isso é improvável<sup>9</sup>.*

Porém foi na Reforma, quando o termo *religião* adquire uma conotação crítica, sobretudo a respeito da identificação deste com a Igreja Católica, na qual se iniciou “uma tendência à generalização do termo

<sup>7</sup> FILORANO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 254

<sup>8</sup> HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 18.

<sup>9</sup> GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005. p. 20.



religião que se impõe aos poucos, com o iluminismo. Num primeiro momento, ‘religião’ se torna algo que, de conceitual está por trás da diversidade das distintas religiões e, como termo, acima dessa diversidade” (HOCK, 2010, p. 19). Apesar de essa expressão ser insuficiente, complicada e atrelada ao contexto histórico-cultural europeu, ela serve de fundamentação e propõe abranger outros contextos histórico-culturais. É também no iluminismo que o enfoque volta-se para duas visões acerca da definição de religião: a primeira diz de uma definição essencialista ou substancialista, que pretende encontrar o que é comum a todas as religiões na sua essência; a segunda por sua vez, denominada de definição funcionalista, como o próprio termo sugere, busca uma função em comum às religiões, “quais estruturas têm em comum, independentemente de objetos e aspectos de conteúdos individuais, quais funções cumprem...” (HOCK, 2010, p. 23). Contudo, o enfoque para essas visões não conseguiu resolver o problema que era encontrar uma definição apropriada de religião: “Aparentemente, tanto definições substancialistas como funcionais de religião apresentam uma série de problemas que nos mostram com nitidez que estamos provavelmente ainda longe de uma definição clara de ‘religião’” (HOCK, 2010, p. 26). Corroborando e complementando esse pensamento, Hans-Jürgen Greschat diz:

*Quem elabora uma teoria sobre religião define o que entende por “religião”. Não se pode questionar uma teoria logicamente construída contanto que se aceite a definição de religião em que tal teoria se baseia. [...] O fato de não possuímos uma definição universal de religião é um defeito, mas não uma catástrofe, uma vez que o objeto permanece e a qualidade de palavras inventadas ou a serem inventadas atinge o objeto apenas marginalmente. (GRESCHAT, 2005, p. 20-21).*

Tendo em vista que o termo religião, ao que parece, devido à sua “insuficiência semântica”, não consegue dar conta de todas as civilizações, adotaremos uma definição que se aproxima do nosso interesse neste artigo, que é uma “definição moderna de religião”, que combina em si tanto a visão essencialista como a visão funcionalista da religião, proposta pelo sociólogo americano Peter Ludwig Berger, na qual “a religião é uma obra humana através da qual é construído um cosmo sagrado” (FILORANO; PRANDI, 1999, p. 267). Sua definição não vincula a religião a uma doutrina. Para ele a religião e o sagrado são um “empreendimento humano, pois assim ela se manifesta como fenômeno empírico. [...] o sagrado é uma força misteriosa e reverencial, diferente do homem, mas relacionada com ele” (FILORANO; PRANDI, 1999, p.



266). Peter Ludwig Berger admite ter recorrido à Mircea Eliade e Rudolf Otto para embasar sua definição. Para ele,

*embora o sagrado seja apreendido como distinto do homem, refere-se ao homem, relacionando-se com ele de um modo em que não o fazem os outros fenômenos não-humanos (especificamente os fenômenos de natureza não-sagrada). Assim, o cosmos postulado pela religião transcende, e ao mesmo tempo inclui o homem. O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado<sup>10</sup>.*

Coloquemo-nos, uma vez que encontrando uma definição que se aproxime à proposta deste artigo, em estabelecer uma relação entre o sagrado e o reiki. Inicialmente iremos tratar da distinção entre o sagrado e o profano e através da análise da obra de Mircea Eliade (1992) a relação entre o sagrado o reiki.

### 3 O sagrado e o Reiki

Em sua obra intitulada *O Sagrado e o profano*, Mircea Eliade (1992) discute o sagrado e o profano, a “manifestação do sagrado”, “sua história”, e esses “modos de ser no mundo”, obra que iremos utilizar como norteador para estabelecer essa relação entre o reiki e o sagrado.

Nesta obra, percebemos a distinção feita por ele entre o homem religioso e o homem não religioso diante dos aspectos acima citados usando vários exemplos em diversas culturas e religiões para destacar e distinguir o sagrado e o profano. Nesta distinção verificamos que seus exemplos nos mostram que não existe um comportamento totalmente dessacralizado e que até o homem considerado não religioso contem em si algumas características de religiosidade. Contudo iremos nos deter na visão do homem religioso para comparar como o sagrado é percebido e sua relação com o reiki. Limitarem-nos também, dentro da obra de Mircea Eliade a tratar de assuntos relacionados ao espaço sagrado e ao rito de passagem, visto que nosso tema é bastante extenso. Portanto nos limitaremos a tratar nessa correspondência alguns aspectos de sua obra com a literatura que trata acerca do reiki.

<sup>10</sup> BERGER, Peter Ludwig. *O dosseil sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 39.



Peter Ludwig Berger (1985), conforme citamos no item anterior relaciona a religião a um “cosmos sagrado”. Nesta mesma obra ele distingue o sagrado do profano:

*Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou às objetivações da cultura humana. [...] Pode-se atribuir a mesma qualidade ao espaço e ao tempo, como nos lugares e tempos sagrados. [...] O sagrado é apreendido como algo que “salta para fora” das rotinas normais do dia a dia, como algo extraordinário e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas. [...] Num certo nível, o antônimo de sagrado é o profano, que se define simplesmente como a ausência do caráter sagrado. São profanos todos os fenômenos que não “saltam fora” como sagrados. As rotinas da vida cotidiana são profanas a não ser que, por assim dizer, se prove o contrário, caso em que se admitem que estão impregnados, de um modo ou de outro, de poder sagrado (como no trabalho sagrado, por exemplo). Mesmo nesses casos, contudo, a qualidade sagrada atribuída aos acontecimentos ordinários da própria vida conserva o seu caráter extraordinário, um caráter que é tipicamente reafirmado através de vários ritos; a perda desse caráter equivale à secularização, isto é, a se conceber os acontecimentos como puramente profanos. A dicotomização da realidade em esferas sagrada e profana, conquanto relacionadas entre si, é intrínseca à especulação religiosa. Assim sendo, é obviamente importante para a análise do fenômeno religioso. (BERGER, 1985, p. 38-39).*

Podemos perceber então que no sagrado, há um “poder misterioso” que nos cerca e que podemos encontrar ao nosso redor, e que podemos encontrar essa “qualidade” tanto nos objetos como nos lugares, na natureza, e que podemos utilizar dessa “qualidade” para nosso proveito. Tudo pode conter uma *aura* sagrada ou não. “Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania”<sup>11</sup>.

*Oposto ao sagrado está o profano, que não encontra essa aura de sacralidade ao seu redor, tampouco nas coisas e lugares, salvo àquelas em*

<sup>11</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 13.



*que haja provas. Verificamos também o aspecto da secularização, que é a perda do caráter de sacralidade. Contudo, neste artigo nos limitaremos a relacionar, conforme mencionamos acima, o sagrado e o reiki, sem adentrarmos nessa esfera de discussão sobre a secularização, apesar de estarmos relacionando também o profano.*

### 3.1 O espaço sagrado

Importante e inicial discussão feita por Mircea Eliade (1992) diz respeito ao espaço: o homem religioso distingue entre espaços sagrados e não sagrados, que há uma “rotura”, que serve como um ponto de referência, “um centro”, uma fundamentação ontológica, a partir do qual há a “Criação do mundo”, que se dá partir dessa “rotura” pois

*vemos, portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer-se no “Centro do Mundo”. Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. (ELIADE, 1992, p. 17).*

Portanto, a criação do mundo para o homem religioso é também algo sagrado, uma vez que o mundo é criado a partir de uma “rotura” que separa o espaço sagrado e profano e nada pode “nascer no caos”. No que diz respeito às teofanias e sinais para o homem religioso existe nesse mundo sagrado um lugar que serve de “limiar”, um *portal* por assim dizer que separa os dois mundos, no qual há a transcendência, a passagem do mundo do profano ao sagrado. Nesse *portal* existem “guardiões”, a exemplo como Eliade aponta de uma igreja ou uma casa, que são

*deuses e espíritos que proíbem a entrada tanto aos adversários humanos como às potências demoníacas e pestilenciais. [...] O limiar, a porta, mostra de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de passagem. (ELIADE, 1992, p. 19).*

Para o homem religioso “todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um



território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 1992, p. 20). Contudo, quando essa hierofania não se manifesta, ele a evoca, pede um “sinal”, com a ajuda dos animais, por meio do sacrifício ter uma orientação e encontrar um lugar, tudo isso motivado pelo desejo do homem religioso de viver mais próximo do sagrado possível, de “viver no sagrado”, de “viver num mundo real e não numa ilusão”:

*É por essa razão que se elaboraram técnicas de orientação, que são, propriamente falando, técnicas de construção do espaço sagrado. Mas não devemos acreditar que se trata de um trabalho humano, que é graças ao seu esforço que o homem consegue consagrar um espaço. Na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses. A fim de compreendermos melhor a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, é preciso insistir um pouco na concepção tradicional do “mundo”: então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo é, para o homem religioso, um “mundo sagrado”. (ELIADE, 1992, p. 21).*

Dessa maneira vemos como o homem religioso, segundo Mircea Eliade, percebe o espaço, o mundo ao seu redor, como ele se posiciona e quais os recursos que ele usa para “construir” o espaço sagrado. Nessa percepção de mundo ele distingue o cosmos do caos, no qual o cosmos é “todo território habitado” e portanto, é sagrado, pois para ser habitado é preciso que ele assim seja. O caos é um “outro mundo”, não habitável, o oposto do cosmos. Para se instalar em um determinado lugar, para “habitá-lo” é preciso consagrá-lo. Para ele existe um “centro do mundo”, um ponto de ligação entre o “Céu e a terra”, como um local sagrado, a “Montanha cósmica”: “Em termos cosmológicos, essa concepção religiosa traduz-se pela projeção do território privilegiado que é o nosso no cume da montanha cósmica” (ELIADE, 1992, p. 25). Assim, o homem religioso, segundo o autor, percebem o espaço, o mundo ao seu redor. Iremos usar como parâmetro suas investigações e compará-las à visão e ao pensamento reikiano.

O praticante do reiki percebe o espaço também como sagrado. O cosmo é sagrado. Temos como exemplo a *Montanha sagrada*, o monte Kurama, local o qual Mikao Usui em suas meditações compreendeu os símbolos sagrados do reiki: “Buscou retiro no Monte Kurama, a monta-



nha sagrada, localizada a aproximadamente vinte e cinco quilômetros, ao norte, de Kyoto...”<sup>12</sup>.

Os adeptos do reiki vivenciam uma realidade sagrada, a vida para quem é praticante tem outra conotação. “Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas” (ELIADE, 1992, p. 13). Tomemos como exemplos os 5 princípios (Gokai) do reiki adotados a saber:

*O método desconhecido que convida à felicidade  
A terapia espiritual para todos os distúrbios da mente e do corpo  
Só por hoje  
Não se zangue  
Não se preocupe  
Expresse sua gratidão  
Seja aplicado em seu trabalho  
Seja gentil com os outros  
De manhã e à noite, sente-se em posição gasshō e repita estas palavras em voz alta para seu coração  
Tratamento do corpo e da alma, Usui Reiki Ryohō  
O fundador Mikao Usui. (De’CARLI, 2014, p. 61).*

Estes princípios são mais do que simples enunciados, são expressões de uma realidade viva, são incorporados, uma vez que os praticantes de reiki se sentem em unidade com o meio em que vivem, com a natureza, com o mundo, com o cosmos e percebem ou, pelo menos, compreendem o real significado de cada expressão. “Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania” (ELIADE, 1992, p. 13). O espaço, o local de morada com a aplicação do reiki, dessa energia cósmica universal, torna-se sagrado. O uso dos símbolos sagrados do reiki, a imposição de mãos pode consagrar o lugar, torna-lo sagrado. “Conforme vimos, o símbolo não somente torna o Mundo ‘aberto’, mas também ajuda o homem religioso a alcançar o universal. Pois é graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se ‘abre’ para o geral e o universal” (ELIADE, 1992, p. 101-102).

<sup>12</sup> De’CARLI, Johny. *Reiki Universal*. São Paulo: Butterfly, 2014. p. 35.



A prática do reiki, a imposição de mãos utilizada pelos praticantes do reiki, o que poderia ser considerada por uma pessoa que com “consciência moderna”, não passaria de um ato banal, uma besteira por assim dizer, que não produz efeitos, ou que produz o que na medicina convencional chama-se de efeito placebo.

*Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico [...] Mas para o “primitivo” tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado. (ELIADE, 1992, p. 14).*

Para os reikianos – nome dado aos praticantes do reiki – o ato de imposição de mãos, é mais do que a simples atitude: é um ato sagrado, é o direcionamento de uma energia cósmica universal, inteligente, reorganizadora que irá beneficiar o indivíduo que a recebe. O reikiano é um homem com o olhar “primitivo” dentro da sociedade moderna.

### 3.2 Ritos de passagem

Mircea Eliade (1992) aborda os ritos de passagem destacando a sua importância para o homem religioso. São mudanças na condição do homem, seja pela mudança da “faixa etária”, seja na passagem devido ao “nascimento, casamento e na morte, e pode se dizer que, em cada um desses casos, se trata sempre de uma iniciação, pois envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social” (ELIADE, 1992, p. 89). Há cerimônias para cada iniciação:

*Quanto aos rituais iniciáticos propriamente ditos, convém fazer uma distinção entre as iniciações da puberdade (faixa de idade) e as cerimônias de admissão numa sociedade secreta: a diferença mais importante reside no fato de que todos os adolescentes são obrigados a enfrentar a iniciação da idade, ao passo que as sociedades secretas são reservadas a um determinado número de adultos.*

[...]

*A iniciação comporta geralmente uma tripla revelação: a do sagrado, a da morte e a da sexualidade. [...] O iniciado não é apenas um “recém-nascido” ou um “ressuscitado”: é um homem que sabe, que conhece os mistérios, que teve revelações de ordem metafísica. [...] A iniciação equivale ao amadurecimento espiritual, e em toda a história religiosa*



*da humanidade reencontramos sempre este tema: o iniciado, aquele que conheceu os mistérios, é aquele que sabe. (ELIADE, 1992, p. 90-91).*

A iniciação do reiki pode ser vista em parte a partir da perspectiva de Eliade: trata-se sim de um momento sagrado:

*A energia Reiki vem diretamente da mais alta Fonte Espiritual e as iniciações devem, portanto, ser tratadas com o maior respeito. A sintonização é um presente, um verdadeiro milagre. A iniciação no método Reiki, quando um novo reikiano é despertado, é um ritual sagrado de grande beleza. (De'CARLI, 2014, p. 107).*

No processo iniciático há um “amadurecimento espiritual”, no qual há uma “revelação”, há um despertar consciencial, de uma potência energética, abre-se um “portal” que une o praticante do reiki a essa energia cósmica universal: “A partir do momento da iniciação, abre-se dentro da pessoa uma porta que, uma vez transposta, a introduz em uma nova realidade. Abre-se um mundo totalmente novo, diferente, que a princípio não acreditávamos poder existir” (De'CARLI, 2014, p. 99).

Precisamos destacar o caráter de simplicidade que não exclui a sacralidade desse momento. O momento de iniciação pode constituir de um ritual ou não, ficando a critério do Mestre reiki que irá realizar a iniciação do futuro praticante do reiki: “as iniciações podem ser dadas uma a uma e podem constituir um belo ritual, ou podem ser feitas rapidamente, sem nenhuma cerimônia. De qualquer forma, receber a iniciação é um presente mágico”<sup>13</sup>. Segundo Mircea Eliade a iniciação implica num “segundo nascimento”:

*O nascimento iniciático implicava a morte para a existência profana. O esquema conservou-se tanto no hinduísmo como no budismo. [...] O Buda ensinava o caminho e os meios de morrer para a condição humana profana – quer dizer, para a escravidão e a ignorância – e renascer para a liberdade, para a beatitude e para o incondicionado do nirvana. [...] De uma religião a outra, de uma gnose ou sabedoria a outra, o tema imemorial do segundo nascimento enriquece-se com novos valores, que mudam às vezes radicalmente o conteúdo da experiência. Permanece, porém, um elemento comum, um invariante, que se poderia definir da seguinte maneira: o acesso à vida espiritual implica sempre a morte*

<sup>13</sup> STEIN, Diane. *Reiki Essencial: manual completo sobre uma antiga arte de cura*. São Paulo: Pensamento, 1995. p. 38.



*para a condição profana, seguida de um novo nascimento.* (ELIADE, 1992, p. 96).

A iniciação do reiki pode ser vista um caminho para evolução espiritual, para acessar a vida espiritual. As atitudes do praticante do reiki visam uma conduta de vida buscando um equilíbrio e harmonia com tudo e todos ao seu redor. Ele experimenta uma sensação de unidade com o cosmos e percebe uma mudança, se descobre numa busca rumo à sua evolução espiritual.

#### 4 Considerações finais

Neste artigo buscamos, após uma investigação dos textos sugeridos para análise, encontrar uma definição do termo religião que se apresentasse em conformidade com nosso objeto de estudo: o reiki e o sagrado.

Citamos também a importância do estudo de outras culturas, como fator importante para a formação das Ciências das Religiões, uma área que vem abrindo mais as possibilidades para estudo e pesquisa de temas que não estejam vinculados a uma crença, doutrina específica, uma vez que nossa linha de pesquisa envolve a espiritualidade e saúde e que não necessariamente tenha algum vínculo com uma religião específica.

Como discussão principal, nosso artigo tratou das relações entre o reiki e o sagrado. Visto que o assunto é muito amplo, nos limitamos a explorar as relações do sagrado dentro da obra de Mircea Eliade (1992) e tratar alguns tópicos: o espaço sagrado e o rito de passagem.

O Reiki, conforme citamos em nosso artigo, apesar de ter uma conduta religiosa – possuir uma relação com o ambiente que o cerca de forma sagrada, na qual tudo é visto como uma manifestação do sagrado, perceber como a iniciação do reikiano tem em si aspectos de sacralidade –, é uma prática que fazia parte do Budismo. “O Budismo não prega a existência de um Deus ou Deusa, mas aceita as divindades da cultura local onde se encontra. É uma filosofia universal do Ser, e não um sistema de crenças” (STEIN, 1995, p. 221). Com isso, verificamos e confirmamos a sua não ligação com uma doutrina ou sistema de crenças: “... o reiki é sagrado, mas não é uma religião” (STEIN, 1995, p. 201). A conduta do praticante do reiki é norteadada por uma relação de sacralidade com o



meio em que vive, pelo conhecimento de que ele é também um agente causador de tornar esse lugar sagrado. Seus princípios expressam uma conduta que visa a uma evolução espiritual, e são práticas constantes daquele que se insere e adota este *modo de vida*.

Como prática terapêutica, sua aplicação pode promover alívio de sintomas que vão desde questões emocionais e processos físicos. Quanto à investigação da eficiência da aplicação do reiki, estudamos no mestrado como o Reiki, terapia complementar em saúde, trabalha os aspectos ligados às emoções e a sua eficiência terapêutica.

## Referências

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

CARDOSO, Érica Cavalcanti. *Reiki: terapia complementar no serviço de saúde*. 2013. 36 f. Dissertação (Mestrado integrado em Ciências Farmacêuticas). Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, Porto, 2013.

De'CARLI, Johny. *Reiki Universal*. São Paulo: Butterfly, 2014.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GERBER, Richard. *Um guia prático de Medicina Vibracional*. São Paulo: Cultrix, 2000.

GERBER, Richard. *Medicina Vibracional: Uma medicina para o futuro*. São Paulo: Cultrix, 2007.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.

HOCK, Klauss. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

FILORANO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. Espiritualidade baseada em evidências. *Acta Fasiátrica*, São Paulo, ano 8, n. 3, p. 107-112, 2001.

STEIN, Diane. *Reiki Essencial: manual completo sobre uma antiga arte de cura*. São Paulo: Pensamento, 1995.



VASCONCELOS, Eymard. Mourão. Espiritualidade na educação popular em saúde. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 29, n. 79, p. 323-334, 2009.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.